

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A MISSÃO DA IGREJA CRISTÃ

Douglas Alves Vargas¹

RESUMO: A definição do que é a missão da igreja cristã é sem dúvida um dos pontos mais cruciais da teologia. Afinal, o que Deus requer que seu povo faça, exerça e realize no mundo a qual ela foi enviada? O que devemos entender por missão cristã? Quais são a natureza e os objetivos da missão da igreja? Perguntas como essas podem receber uma variedade de respostas a partir dos diversos pressupostos e compromissos teológicos. Diante disso, esse artigo visa trazer uma breve reflexão sobre a missão da igreja cristã e sua relação com a responsabilidade social, demonstrando, à luz das Sagradas Escrituras, que a missão cristã envolve várias dimensões. O artigo está dividido estruturalmente em cinco partes principais: na primeira, é analisada a perspectiva missiológica de Orlando Costas e sua compreensão acerca do Ministério Quadridimensional da Igreja; na segunda parte é apontado o ponto de vista de Réne Padilha (2002) sobre a Missão Integral; Na terceira parte, busca-se refletir sobre Leonardo Boff (1994) e a Missão da Igreja sob o prisma da Teologia da Libertação, bem como, analisar os pontos negativos e positivos dessa teologia; na quarta parte é destacada a perspectiva missiológica de Jürgen Moltmann (1991) e a Teologia da Esperança; e por fim, é discutida a visão missiológica de José Comblin (1991) e a Pastoral Urbana.

Palavras-chaves: Missão da Igreja. Responsabilidade Social. Missiologia.

ABSTRACT: The definition of what is the mission of the Christian church is without doubt one of the most crucial points of theology. After all, what God requires his people do, exercise and perform in the world to which it was sent? What should we understand by Christian mission? What are the nature and objectives of the mission of the church? Questions like these can get a variety of responses from the various assumptions and theological commitments. Therefore, this article aims to bring a brief reflection on the mission of the Christian church and its relationship to social responsibility, showing, in the light of the Holy Scriptures, the Christian mission involves several dimensions. The article is divided structurally into five main parts: first, the missiological perspective of Orlando Costas and his understanding of the Four-dimensional Ministry of the Church is analyzed; the second part is appointed the point of view of Réne Padilha (2002) on Integral Mission; In the third part, we try to reflect on Leonardo Boff (1994) and the Church's Mission in the light of liberation theology, and to evaluate the positive and negative points of this theology; the fourth part is highlighted missiological perspective of Jürgen Moltmann (1991) and the Theology of Hope; and finally, the missiological vision of Joseph Comblin (1991) and Urban Pastoral is discussed.

Keywords: Church's mission. Social Responsibility. Missiology.

¹ Possui Graduação em Teologia pela Faculdade da Igreja Ministério Fama – FAIFA (2013); e Pós-Graduação em Docência Universitária (2014). Atualmente cursa Licenciatura em História pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell ISSUED/FAVED MG e Especialização em Teologia Sistemática pela Faculdade FAIFA. E-mail: douglasvargas2014@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A definição do que é a missão da igreja cristã é sem dúvida um dos pontos mais cruciais da teologia. Afinal, o que Deus requer que seu povo faça, exerça e realize no mundo a qual ela foi enviada? O que devemos entender por missão cristã? Quais são a natureza e os objetivos da missão da igreja? Perguntas como essas podem receber uma variedade de respostas a partir dos diversos pressupostos e compromissos teológicos. Diante disso, esse artigo visa trazer uma breve reflexão sobre a missão da igreja cristã e sua relação com a responsabilidade social, demonstrando, à luz das Sagradas Escrituras, que a missão cristã envolve várias dimensões.

O artigo está dividido estruturalmente em cinco partes principais: na primeira, é analisada a perspectiva missiológica de Orlando Costas e sua compreensão acerca do Ministério Quadridimensional da Igreja; na segunda parte é apontado o ponto de vista de Réne Padilha (2002) sobre a Missão Integral; Na terceira parte, busca-se refletir sobre Leonardo Boff (1994) e a Missão da Igreja sob o prisma da Teologia da Libertação, bem como, analisar os pontos negativos e positivos dessa teologia; na quarta parte é destacada a perspectiva missiológica de Jürgen Moltmann (1991) e a Teologia da Esperança; e por fim, é discutida a visão missiológica de José Comblin (1991) e a Pastoral Urbana.

Neste artigo a intencionalidade da utilização do termo “missão da igreja”, de forma bem simplificada, é apontar o que Deus requer que sua igreja faça, exerça, atue e realize no mundo em que ela foi enviada. Em outras palavras, a discussão sobre a missão da igreja está relacionada com o dever e com a obrigação da igreja para com Deus e o mundo. Dever que está relacionado à vontade de Deus. E vontade de Deus que é intrínseca às revelações da Bíblia Sagrada.

É importante mencionar que esse artigo está baseado nos pressupostos do método teológico histórico-gramatical, e isso implica que toda sua construção está ancorada na doutrina da inerência da Bíblia Sagrada. Nunca seria demais, afirmar desde o início desta pesquisa, que a grande convicção que sustenta esse trabalho é que o objetivo supremo da missão cristã é glorificar a Deus. Esse é o ponto central da missão da igreja. Esse é o

objetivo que deve dominar e sobrepujar todos os demais. O que deve mover à igreja a realizar sua missão é que o nome do Deus trino - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - seja glorificado por meio das realizações do seu povo, a Igreja Cristã.

Por fim, cabe destacar que esse artigo é o primeiro de uma série de três, que serão publicados com a finalidade de facilitar e ampliar o entendimento acerca da missão da igreja cristã e suas várias dimensões.

2 A MISSÃO DA IGREJA

Segundo Bosch (2002, p. 466), a missão da igreja foi compreendida, nos séculos precedentes, de várias maneiras: “Às vezes ela foi interpretada primordialmente em termos soteriológicos: como salvar indivíduos da condenação eterna. Ou em termos culturais: como apresentar pessoas do Oriente e do Sul as bênçãos e privilégios do Ocidente Cristão”. Contudo, após a Primeira Guerra Mundial, lentamente, processou-se uma mudança. Karl Barth tornou-se um dos primeiros teólogos a articular a missão como atividade de Deus e não como atividade da igreja. (BOSCH, 2002, p. 467).

A partir de então, a missão começou a ser vista não apenas como atividade proselitista, mas a partir da perspectiva *missio Dei*². Nessa perspectiva, a missão é derivada da própria natureza de Deus, ou seja, a missão da igreja não é uma missão da própria igreja, mas, sim, uma extensão da missão de Deus, na qual o Deus Pai envia o Deus Filho, e o Deus Filho envia o Deus Espírito Santo, e o Deus Pai, Filho e Espírito Santo enviam a igreja para dentro do mundo. (BOSCH, 2002, p. 467). No sétimo parágrafo do Pacto de Lausanne, essa mensagem aparece da seguinte maneira: “Cristo envia o seu povo redimido ao mundo assim como o Pai o enviou”.

O novo paradigma da *missio Dei* amplia a ideia de missão restrita na expressão “fazei discípulos”. Para melhor compreender a relação entre a missão da igreja e a responsabilidade social, a seguir será analisada a perspectiva missiológica dos seguintes

² O paradigma da *missio Dei* afirma que o papel da igreja é representar a Deus no e diante do mundo. Essa perspectiva missiológica também afirma que Deus é o principal agente da missão, ele age por meio da igreja, com a igreja, além da igreja, apesar da igreja e, de vez em quando, contra a igreja. Além de considerar que o objetivo da missão não se restringe a “ganhar almas e plantar igrejas”. (KIVITZ, 2012, p. 61).

estudiosos: Orlando H. Costas (2000), C. Réne Padilha (2002), Boff (1994), Jürgen Moltmann (1991) e José Comblin (1991).

2.1 Orlando Costas e o Ministério Quadridimensional da Igreja

Orlando Costas (1994) oferece uma grande contribuição para a compreensão da missão da igreja. Para ele, essa missão deve ser compreendida como bidimensional, bidirecional e quadridimensional³.

O termo bidimensional relaciona-se à dimensão tanto espiritual quanto social que a igreja possui. Isso significa que o seu ministério, ou melhor, a sua área de atuação deve englobar aspectos sócio-históricos e o plano espiritual.

Além disso, de acordo com a missiologia de Costas, o ministério da igreja deve ser bidirecional, isto é, possuir uma dimensão interna e outra externa. Para Timóteo Carriker (2007, p.11), a igreja não deve estar de costas para o mundo e nem para os seus membros. Isso inclui não só a preocupação pastoral e de edificação interna dos membros, como também o preparo e envio da igreja ao mundo para a evangelização e a realização de serviços sociais.

Para Costas (1994, p. 111), a missão da igreja é estritamente interligada ao crescimento integral da igreja, sendo esse crescimento quadridimensional. Nesse sentido, Costas desenvolve uma teoria para o crescimento integral da igreja. Para ele, esse crescimento está ligado ao crescimento do reino de Deus. E o crescimento do reino de Deus está relacionado à execução integral da missão que a igreja possui. O autor sugere que a missão da igreja é um processo integral que deve manifestar-se em todos os níveis e dimensões. Por isso, ele apresenta quatro dimensões que definem a missão da igreja: numérica, orgânica, conceptual e diaconal⁴.

A dimensão numérica relaciona-se à reprodução e ao crescimento numérico que a igreja deve procurar. Essa dimensão é parte fundamental da igreja, pois ao proclamar o

³ De forma semelhante a Orlando Costas, porém com uma dimensão a mais, Robison Calvacanti (2000, p. 17) afirma que a missão da igreja possui basicamente um caráter “pentadimensional”, sendo: a) Koinônica: as comunhões dos santos, que se apóiam, se respeitam e se identificam; b) Didática: a aprendizagem cognitivaexistencial do conteúdo da revelação (transmissão dos valores encontrados na Bíblia); c) Diaconal: o amor concreto, a solidariedade, as obras de misericórdia; d) Kerigmática: anúncio, a proclamação do evangelho do reino; e) Profética: a defesa da vida e a denúncia dos sistemas de opressão. (CALVACANTI, 2000, p. 17 e 18)

⁴ Essas são as quatro dimensões que em conjunto trazem a ideia da missão da igreja ser quadridimensional.

evangelho, chamando os homens ao arrependimento de seus pecados e à fé em Jesus Cristo, a igreja incorpora novos crentes, inserindo-os na comunidade cristã. Essa dimensão envolve diretamente o evangelismo e a conversão. Costas afirma que a igreja necessita de “novos tecidos” para manter-se viva, por isso existe a necessidade de uma contínua reprodução celular. Para o autor, a dimensão numérica:

[...] tem a ver com a vida e conflitos pessoais de multidões de homens e mulheres que vivem alienados de Deus, de si mesmos e de seu próximo, sem amor, sem paz e esperança, na necessidade de reconciliação e incorporação ao povo que Deus está formando [...]. São milhões cuja condição espiritual desafia constantemente a igreja e de quem ela se considera em dívida por causa do evangelho. (COSTAS, 1994, p. 114).

Nesse sentido, a missão primordial da igreja para essa dimensão é a proclamação do evangelho transformador de Cristo. Isto é, essa dimensão se relaciona com uma missão externa à igreja, com o objetivo de apresentar as boas novas do evangelho, de inserir novos membros à igreja de Cristo e renovar-se, revitalizar-se e, dessa forma, perdurar por várias gerações.

Já a dimensão orgânica da missão da igreja envolve o desenvolvimento interno da comunidade da fé. Costas (1994, p. 113) afirma que essa dimensão está imbricada ao sistema de relação entre os membros: sua forma de governo, sua estrutura financeira, seus líderes, o tipo de atividade na qual se investe seu tempo e seus recursos e sua celebração cultural.

Segundo Costas (1994, p. 113), a igreja como um organismo vital não pode contentar-se com mera reprodução de suas células (dimensão numérica). Ela deve preocupar-se com o bom funcionamento de todas as suas partes, em conformidade com o seu sistema de vida. Elas precisam ser fortalecidas, cuidadas, estimuladas e bem coordenadas para que o corpo possa funcionar adequadamente.

De acordo com Costas:

A dimensão orgânica tem a ver com questões de cultura e contextualização, formação e mordomia, comunhão e celebração. Ela nos confronta com a necessidade de que a igreja seja uma comunidade autóctone, crioula, que forma seus membros, administra seu tempo, talentos e recursos, fomenta a comunhão dos fiéis entre si e com seu Deus e celebra a sua fé em linguagem popular, incorporando criticamente seus símbolos, criações e valores, identificando-se com sua situação histórica e social. (COSTAS, 1994, 113).

Como foi dito, a missão da igreja na dimensão orgânica está relacionada ao desenvolvimento interno da igreja. Nesse sentido, Carriker (2007, p. 12) aponta que a edificação interna da igreja se realiza por meio da comunhão, do ensino e do serviço dos membros na igreja e na sociedade.

A dimensão conceptual é a terceira dimensão da teoria de Costas (1994) acerca da missiologia da igreja. Essa dimensão, segundo Costas (1994, p.113) acentua a necessidade que a igreja tem de pensar crítica e reverentemente sobre a fé, ao calor da palavra e da oração; de avaliar honesta e conscientemente, à luz da fé e da realidade concreta, as imagens que forja de si mesma, de sua missão e de seu mundo.

Essa dimensão refere-se à expansão da inteligência da igreja no que tange à fé: o grau de consciência e razão de ser da fé, sua compreensão da fé cristã, seu conhecimento da fonte dessa fé (as Escrituras), sua interação com a história dessa fé e sua compreensão do mundo que a rodeia. Ela proporciona à igreja a firmeza intelectual para enfrentar todo tipo de doutrina e a capacidade crítica para evitar a fossilização e garantir a criatividade evangelizadora, orgânica e ética (COSTAS, 1994, p. 113). Dessa forma, essa dimensão está direcionada ao ministério interno e, segundo Carriker (2007, p.12), está ligada ao discipulado, ao treinamento e ao ensino.

A quarta e última dimensão da missão da igreja é a diaconal. Essa dimensão trata sobre o serviço que a igreja presta ao mundo como prova concreta do amor redentor de Deus. Ela envolve o impacto que o ministério reconciliador da igreja exerce sobre o mundo, o seu grau de participação da vida, dos conflitos, dos temores, e das esperanças da sociedade, na medida em que o seus serviços ajudam a aliviar a dor humana e a transformar as condições sociais que têm condenado milhões de homens, mulheres e crianças à pobreza.

Para Costas (1994, p. 15), sem essa dimensão a igreja perde a sua autenticidade e a sua credibilidade, pois, somente na medida em que conseguir dar visibilidade e concretude à sua vocação de amor e de serviço, ela pode esperar ser ouvida e respeitada. Essa dimensão está relacionada ao aspecto ético da igreja e da sua missão. Também, está relacionada ao papel da igreja como comunidade a serviço dos outros e seu conseqüente envolvimento nas lutas e nos problemas coletivos e estruturais da sociedade.

A tabela a seguir resume a proposta de Costas (2000) para o que deve ser a missão da igreja, uma missão bidirecional, bidimensional e com várias dimensões.

DIREÇÕES DO MINISTÉRIO	DIMENSÕES DO MINISTÉRIO	MINISTÉRIOS DA IGREJA	EXEMPLOS EM EFÉSIOS 4	EXEMPLOS DO NT EM GERAL
INTERNO	Edificação Para	Comunhão	“unidade da fé” Efésios 4.13	Partir o pão, oração
		Ensino	“pleno conhecimento” Efésios 4.13	Exposição bíblica
		Serviço	“humanidade completa” Efésios 4.13	Assistência, visitação, dons, auxílio
	Integração	Acréscimo	“cresça o todo” Efésios 4.15	Batismo
EXTERNO	Capacitação Para	Discipulado	“aperfeiçoar os santos” Efésios 4.12	Habilitação
		Treinamento	“não mais crianças” Efésios 4.14	Disciplina
	Evangelização	Proclamação	“falar a verdade em amor” Efésios 4.15	Pregação verbal
		Testemunho	“a obra de serviço” Efésios 4.14 / 2.10; 3.10	Testemunho de vida, atos de justiça

Fonte: Timóteo Karriker (2007, p.12). In: O ministério Integral: Reflexões sobre Efésios 3-4. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/files/2007/09/ministerio-integral.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

2.2 René Padilha e a Missão Integral

Além da proposta de Costas (2000) em entender a missão da igreja em quatro dimensões, atualmente a missão da igreja tem recebido grande destaque através da missão Integral.

Para Padilha (1992, p. 207), “a missão da igreja só pode ser entendida à luz do Reino de Deus”⁵. Para ele, falar do Reino de Deus é falar do propósito redentor de Deus para toda a criação e da vocação histórica que a igreja tem a respeito desse propósito.

A ênfase central do Novo Testamento é que Jesus veio para cumprir as profecias do Antigo Testamento e que, por meio de sua pessoa e de sua obra, o reino de Deus tornou-se uma realidade presente. Ou seja, o Reino de Deus foi inaugurado em Cristo. Mesmo que a consumação dessa nova era se realizará no futuro, “aqui e agora” é possível desfrutar dessas bênçãos do Reino de Deus (PADILHA, 1992, p. 198).

A missão integral que a igreja deve realizar, segundo Padilha (1992, p. 198), é um aspecto da manifestação do Reino de Deus, este consiste em uma realidade presente e ao mesmo tempo uma promessa que será cumprida no futuro.

Como foi dito, a missão integral é a soma da evangelização com a ação social. Para Padilha (1992):

Tanto a evangelização como a responsabilidade social podem ser entendidas unicamente à luz do fato de, em Cristo Jesus, o Reino de Deus ter invadido a história e agora é uma realidade presente e ao mesmo tempo uma esperança futura, um “já” e ao mesmo tempo um “ainda não”. Neste sentido, o Reino de Deus não é o melhoramento social progressivo da humanidade, segundo o qual a tarefa da igreja é transformar a terra em céu, e isto agora” e nem “o reinado interior de Deus presente nas disposições morais e espirituais da alma, com base no coração”. Antes, ele é o poder de Deus, liberto na história, que traz boas novas aos pobres, libertando aos cativos, vista aos cegos e libertação aos oprimidos. (1992, p. 206)

Assim, o autor considera que a evangelização e a ação social são inseparáveis: “O evangelho é boa nova acerca do reino de Deus. As boas obras, por outro lado, são os sinais do Reino”, e a “palavra e a ação são indissolúvelmente unidas na missão de Jesus

⁵Segundo Anthony Hoekema (2001, p. 57), o reino de Deus deve ser entendido como o reinado dinamicamente ativo de Deus na história humana por meio de Jesus Cristo, cujo propósito é a redenção do povo de Deus do pecado e de poderes demoníacos, e o estabelecimento Final dos novos céus e da nova terra. Já para Padilha (1992), o Reino de Deus está relacionado ao poder dinâmico de Deus por meio do qual “os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho”. (PADILHA, 1992, p. 199).

e de seus apóstolos, [por isso] devemos mantê-las unidas na missão da igreja, na qual se prolonga a missão de Jesus até o final do tempo” (PADILHA, 1992, p. 206).

Ed René Kivitiz (2012, p. 62) sustenta que a missão integral é a soma da evangelização com a ação social da igreja. A missão integral enfatiza de modo claro que a evangelização e a ação social não se separam, tornando necessário pregar Jesus Cristo como Senhor e Salvador de forma verbal e prática. Verbal, no que diz respeito à palavra de Deus e ao plano salvífico de Jesus para a restauração, transformação, libertação e cura do homem, ou seja, de toda humanidade através do poder do Espírito Santo na vida espiritual e no relacionamento com Deus. Prática, no que diz respeito ao testemunho, ao amor e à vida de Jesus, na ação física e solidária para com as necessidades dos pobres e marginalizados, proporcionando restauração, transformação, libertação e cura no viver do próximo dentro da sociedade, através do Espírito Santo no contato pessoal e social.

2.3 Teologia da Libertação e a Igreja

A teologia da libertação é uma coleção de movimentos teológicos contemporâneos que interpretam a salvação e a missão da igreja como a transformação de estruturas sociais opressoras – econômicas, políticas e sociais – em vez de a redenção da culpa e do pecado (SAWYER, 2009, p. 493). Nesse sentido, a missão da igreja para essa perspectiva teológica centraliza-se no fato de que a igreja deve libertar as pessoas da opressão social. Isso quer dizer que a ação social, para essa linha teológica, é o dever exclusivo da igreja.

Alderí Souza de Matos, discursando sobre o surgimento da teologia da libertação, afirma que:

A partir da década de 1960, a problemática social adquiriu grande visibilidade na América Latina. Num contexto de graves problemas socioeconômicos em todo o continente, houve o surgimento de inúmeros movimentos de caráter socialista voltados para a solução desses problemas pela via política ou mesmo pela força das armas. Numa reação contra esses movimentos, surgiram regimes de direita em quase todos os países latino-americanos, o que agravou ainda mais essa situação, pela polarização assim criada. Nesse contexto, os cristãos foram desafiados a se posicionarem. Entre os católicos e em menor grau entre os protestantes, surgiu a conhecida “teologia da libertação”, que teve como um de seus primeiros proponentes o sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez. No Brasil, o nome mais conhecido foi o do teólogo Leonardo Boff e a expressão mais visível da teologia da libertação foram às comunidades eclesiais de base. (2005, p. 14).

Os teólogos da teologia da libertação adotaram o marxismo, especialmente a sua interpretação da História, como instrumento de análise social para propor soluções ao problema. O capitalismo é visto como intrinsecamente mau, e o socialismo como a forma ideal de economia. James M. Sawyer (2009, p. 501) sustenta que o alvo da Teologia da libertação é “a derrubada violenta da ordem econômica existente e o estabelecimento de uma sociedade justa”.

Boff (1994, p. 21) denuncia que a prática da igreja está voltada quase que exclusivamente para dentro. Para ele, pelo fato da igreja considerar como o seu campo de atuação apenas o campo sagrado, ela “mostra-se insensível aos problemas humanos que ocorrem fora de seus limites, no mundo e na sociedade”. A dimensão política, para a igreja, segundo Boff, se constitui na dimensão do “sujo”, que deve ser o mais evitável possível. Mais do que neutralidade, vigora uma indiferença em face das realidades “mundanas” (BOFF, 1994, p. 22).

Boff (1994, p.27) acredita que a missão da igreja é libertar os homens da opressão e para isso, “o sujeito histórico desta libertação seria o povo oprimido, que deve elaborar a consciência de sua situação de oprimido, organizar-se e articular práticas que intencionem e apontem para uma sociedade alternativa menos dependente e injustiçada”. Nesse sentido, com o seu poder, a igreja deve viabilizar tal libertação. Para ele, essa libertação “não se trata do pecado, mas de uma libertação que também possui dimensões históricas (econômicas, políticas, e culturais)” (BOFF, 1994, 28). Pois, segundo o autor, as injustiças são pecados que Deus não quer (BOFF, 1994, p. 28).

De acordo com D. D Webster (2009, p. 482), a “força da teologia da libertação acha-se na sua compaixão pelos pobres e na sua convicção de que o cristão não deve permanecer passivo e indiferente diante dos seus apuros”. A desumanidade do homem para com o seu próximo é pecado e merece o castigo divino e a oposição dos cristãos. A teologia da libertação é um apelo a um discipulado sacrificial e uma lembrança de que seguir a Jesus envolve consequências práticas, sociais e políticas.

Alister E. McGratt (2005, p. 155), em relação à hermenêutica bíblica da teologia da libertação, afirma que as escrituras são lidas como narrativas de libertação. Uma ênfase especial é colocada sobre a questão da liderança de Israel na escravidão no Egito, sobre denúncias feitas pelos profetas acerca da opressão e sobre a proclamação do evangelho

por Jesus aos pobres marginalizados. As escrituras não são lidas a partir de uma perspectiva baseada na disposição de compreender o evangelho, mas a partir de um interesse em aplicar suas revelações libertadoras à situação de opressão do mundo.

Nesse sentido, os defensores da teologia da libertação centralizam seus argumentos através da seletividade das passagens de libertação da bíblia, esquecendo-se das outras dimensões de libertação como a libertação espiritual. Eles enfatizam, exageradamente, sobre a libertação da opressão exercida no Egito e reduz a importância de Jesus Cristo, sustentando apenas a sua luta exemplar pelos pobres.

Assim, ela desperta os cristãos para levarem a sério o impacto político e social da vida e da morte de Jesus, mas deixa de fundamentar a singularidade de Jesus na realidade da sua divindade (WEBSTER, 2009, p. 483). A teologia da libertação tem razão em desmascarar o fato da opressão na sociedade e o fato de haver opressores e oprimidos, mas, de acordo com Webster (2009, p 482), é errado aplicar a esse alinhamento uma condição quase ontológica.

Outro aspecto negativo da teologia da libertação é que ela tem a tendência de igualar a salvação à libertação, enfatizando apenas os aspectos sociais, políticos e econômicos da salvação. O movimento empregou particular ênfase sobre o conceito do “pecado estrutural”, destacando que é a sociedade, e não os indivíduos, que é corrupta e que necessita ser redimida. Para os seus críticos opositores, a teologia da libertação reduziu a salvação a uma questão puramente mundana, negligenciando suas dimensões transcendental e eterna. (MCGRATH, 2005, p. 155)

Isso que dizer que a salvação espiritual da alma é negligenciada e a libertação da opressão social, da pobreza e da exploração é vista como o essencial para a missão da igreja.

2.4 Jürgen Moltmann e a Teologia da Esperança

Jürgen Moltmann é considerado o fundador da teologia da esperança, movimento teológico que surgiu na Alemanha durante a segunda metade do século XX, e, também, o seu principal expositor. Ele desenvolve a sua teologia a partir da perspectiva da realização do Reino como uma promessa fundamental da parte de Deus. Para ele, a escatologia deve ser a chave hermenêutica para interpretação de toda a Bíblia Sagrada.

A esperança cristã é, sobretudo, “esperança na vinda do reino da ‘Glória de Deus’. É a expectativa ardente da libertação de toda a criação dos laços que escravizam o homem e o arruinam” (MILLER e GRENZ, 2011, p. 129). Em suma, a esperança cristã é escatológica. Sua meta é o cumprimento final das promessas de Deus presentes nas Escrituras.

De acordo com Moltmann, a escatologia, quase sempre, é ignorada, desprezada ou rebaixada a um apêndice inútil da teologia. Por isso, em sua obra, *Teologia da Esperança*, ele destina à escatologia um lugar de primazia. Segundo Moltmann: “Do começo ao fim, e não apenas no epílogo, o cristianismo é escatologia, é esperança, está voltado para o futuro e se desloca em sua direção e, portanto, revoluciona o presente” (MILLER e GRENZ, 2011, p. 129).

Nas palavras de Moltmann (1991, p.67 *apud* CASTRO, 2006, p. 43), “nós não somos apenas interpretes do futuro: já somos colaboradores do futuro, cuja força, tanto na esperança como na realização, é Deus”. Um dia, os “tempos de refrigério” poderão ser desfrutados em plenitude, mas, por enquanto, cabe aos cristãos, em sua missão, realizar a sua responsabilidade social, a fim de tornar evidentes os sinais do reino de Deus.

Para Moltmann (1991, p.72 *apud* CASTRO, 2006, p. 43), “devemos agir hoje de tal maneira como se todo o futuro da humanidade de nós dependesse, ainda assim, confiar plenamente que Deus irá permanecer fiel à sua criação e não deixará sucumbir”. Para o autor, a doutrina da soberania e da vontade de Deus, mesmo sendo verdadeira, não deve produzir uma atitude de acomodação da igreja para com a sociedade. Ao invés disso, a igreja deve agir como se o futuro fosse totalmente dependente das atitudes do homem.

Moltmann entende que a igreja ainda padece com questões que nada alteram o seu contexto social, além de não dar a seus congregados a dimensão holística da igreja (GONÇALVES, 2009, p. 96). Para ele, a igreja é a expressão do Reino de Deus quando se torna anunciadora da esperança que foi confirmada pela ressurreição de Jesus Cristo. A igreja é chamada para materializar as obras de Cristo concretizando os ensinamentos dele em ações.

Cabe à igreja ser construtora da realidade futura e não apenas intérprete da história. À igreja é delegada a tarefa de esforça-se para trazer o futuro ao presente. Isso significa que, sendo a igreja a portadora do futuro, a promessa do reino de Deus torna-se fundamento para a missão do amor pelo mundo (GONÇALVES, 2009, p. 96).

O reino de Deus é o fundamento da teologia da esperança, pois, à igreja é atribuída uma obrigatoriedade missionária, pois ela está ligada à sociedade e compartilha com ela os sofrimentos desta época, anunciando a esperança em Deus às pessoas.

Moltmann também acusa a igreja de estar marginalizada na sociedade. Segundo o autor, ela não está inserida no cenário político, social e, por incrível que pareça, também, no religioso. Ao invés disso, desenvolve funções que não são, originalmente, dela (GONÇALVES, 2009, p. 97). A igreja tem como natureza ser uma igreja de Cristo, missionária, ecumênica e política.

Para Moltmann (1991 *apud* GONÇALVES, 2009, p. 96), a igreja não deve ser passiva, nem omissa aos acontecimentos sociais. Por isso, cabe à igreja ter uma consciência ética e responsável por seu contexto social; contar com o comprometimento de todos na missão pelo mundo, tornando patente o seu plano de amor ao mundo; incentivando o uso das vocações para a transformação da sociedade, por meio dos valores do Reino de Deus; procurar ser a sinalização da graça de Deus; tornar realidade, nela mesma, a presença amorosa de Deus, por meio do cuidado fraterno; alimentar a fé de um mundo melhor, por meio da esperança e ser uma igreja que consiga fazer uma leitura de seu contexto.

2.5 José Comblin e a Pastoral Urbana

Como foi observado anteriormente, a missão da igreja, segundo o Pacto de Lausanne, envolve tanto a evangelização quanto a ação social. A Pastoral Urbana de Comblin envolve esses dois elementos na construção de um padrão missiológico para a atuação das igrejas nos centros urbanos.

Há muitas situações nos âmbitos pessoal, familiar, comunitário e social que podem ser mudados ou, pelo menos, sofrer algum tipo de intervenção. Segundo Comblin (1991 p.21 *apud* PEREIRA, 2011, p. 16), a Pastoral Urbana deve apresentar às igrejas diretrizes norteadoras para essa intervenção nos problemas sociais da cidade, dirigindo, assim, o seu agir na cidade. A Pastoral Urbana corresponde a toda iniciativa concreta de intervir positivamente na vida dos moradores de um centro urbano. É a forma pela qual a igreja desenvolve sua função. É o agir positivo e libertador da igreja no mundo.

A Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) estabelece que a Pastoral Urbana tenha como objetivo concretizar, em ações sociais e específicas, a solicitude da igreja diante de situações reais de marginalização (CNBB, 2001, p.18 *apud* PEREIRA, 2011, 37). Pereira (2011, p.102) aponta que a pastoral coincide com a própria missão da igreja, pois esta não pode existir fora da ação concreta e operante no dia a dia das pessoas.

Comblin entende que a igreja não pode permanecer indiferente aos problemas da cidade⁶ e, por isso, tenta, por meio de sua Pastoral Urbana, tirar a conhecida sensação de que a igreja só tem a oferecer à cidade os seus recintos sagrados como refúgio. Para ele, a ação pastoral é uma constante busca por justiça e é em decorrência da injustiça que surge a necessidade de uma pastoral urbana como meio de correção ou restauração dos direitos humanos⁷. De acordo com Comblin (1991, p.32 *apud* PEREIRA, 2011, p. 108), toda e qualquer pastoral só terá algum sentido para existir se dentro dos seus objetivos estiver a promoção da justiça, e esta somente deve ser entendida quando se leva em consideração o direito dos oprimidos.

Diante dos problemas sociais existentes na cidade, Comblin (1996, p. 21-26) apresenta as possibilidades que a igreja tem de agir na sociedade: 1) movimentos associativos: o ajuntamento da comunidade para resolver problemas comuns como infraestrutura, segurança, saúde, transporte público e melhorias gerais nos bairros; 2) trabalho voluntário: quando a comunidade se envolve com os problemas dos outros, se doando por algumas horas; 3) o agir político: supõe a formação de uma consciência política ativa na sociedade.

Ainda segundo Comblin (1991, p.46 *apud* GONÇALVES, 2009, p. 93), os bairros das cidades são oportunidades de ação e isso implica que a igreja deve ter uma maior

⁶ De acordo com Magali do Nascimento Cunha (2006, p. 99), no artigo "Um Olhar Sobre a Presença Pública das Igrejas Evangélicas: Análise Crítica e possibilidades futuras", há três modelos de igrejas irresponsáveis socialmente: a igreja isolada, a igreja falsa profetisa e a igreja mundana. A igreja a qual Comblin se refere é o modelo isolacionista. Esse modelo é demarcado pela "falta de interação com a dinâmica das comunidades, no desconhecimento de suas demandas e na ausência de resposta a elas, seja com projetos próprios e autônomos, seja com parcerias com programas governamentais e não-governamentais que buscam espaços físicos comunitários" (CUNHA, 2006, p. 107). Nesse modelo a igreja é vista como um corpo social isolado do bairro e da vizinhança onde está localizada.

⁷ Nessa perspectiva, mesmo que a igreja deva ser intervencionista: alimentando os famintos, dando roupas aos nus, remédio aos doentes, visitação aos presos, educação aos analfabetos e às crianças e albergues para os sem-moradias; "a igreja não deve se abster da tarefa profética que inclui tanto a denúncia de todas as formas de injustiça sóciopolítica e econômica visíveis nas cidades e da presença pública concretizada em ações éticas de busca de superação delas". (CUNHA, 2006, p. 110)

participação nos problemas do bairro como tráfico de drogas e delinquência infantil. A igreja, com o seu poder sociopolítico, pode: criar entidades e agir em entidades sociais como escolas, presídios, hospitais; agir nas empresas e sindicatos; cobrar uma postura mais firme e comprometida dos cidadãos na política; levar propostas ao poder público do que pode ser melhorado na cidade e nos bairros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado nesse artigo é amplo e complexo. Contudo, não faz parte do objetivo deste trabalho realizar um estudo exaustivo sobre a temática. Mas, a partir da reflexão realizada, pode-se afirmar alguns pontos importante referentes à missão da igreja que serão sintetizados a seguir.

A Missão da Igreja é ampla e abrange várias dimensões. Através deste artigo, foi constatado que a mensagem da salvação, pregada pela igreja, deve resultar, além da evangelização, em uma mensagem de juízo sobre toda a forma de alienação, de opressão e de discriminação. O seu discurso de amor deve ser acompanhado de ações práticas.

Foi também verificado que a igreja tem uma missão profética de denunciar os males de corrupção e de defender a vida, não sendo omissa, nem acomodada às questões sociais. Além disso, foi visto que a igreja não pode considerar a sua missão simplesmente como a ato de evangelizar. Ademais, foi abordado que a igreja deve possuir uma bidireção, ou seja, que ela não deve estar de costas para o mundo, nem para os seus membros, mas de frente para ambos.

A missão da igreja está relacionada à pregar Jesus Cristo de forma verbal e também de forma prática. Essa última envolve a ação solidária para com as necessidades dos pobres e oprimidos, oferecendo restauração, transformação, libertação e cura, pois através do serviço social a igreja deve aliviar a dor humana e transformar as condições sociais que têm levado milhares de homens à extrema pobreza. A igreja deve participar da vida, dos conflitos, dos temores e da esperança da sociedade.

Tendo em vista a sua missão, a igreja não deve ser neutra, passiva, indiferente e insensível aos problemas humanos. Ela não pode voltar a sua prática para dentro de si e nem considerar o seu campo de atuação apenas o campo sagrado. Ela não deve ser

marcada pela falta de interação com a dinâmica da comunidade, isso quer dizer que ela deve ver os bairros da cidade como oportunidades para realizar uma ação.

Diante dessas considerações, convictamente, constata-se que o maior objetivo que deve mover à igreja a realizar sua missão, como já afirmado, é que o nome do Deus trino - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - seja glorificado por meio das realizações do seu povo, a Igreja Cristã.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Orison Nunes. *A Missão Integral no Contexto Urbano*. In: Manfred Waldemar Kohl e Antônio Carlos Barro (org.). *Missão Integral Transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006.

BARRO, Jorge Henrique. *De cidade em cidade: elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos*. Londrina: Descoberta, 2002.

_____. *Ações pastorais da igreja com a cidade*. Londrina: Descoberta, 2000.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

BOSH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. Tradução de Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CALVALCANTE, Robinson. *A igreja, o país e o mundo: desafios a uma fé engajada*. Viçosa: Ultimato, 2000.

CARRIKER, Timóteo. O ministério Integral: Reflexões sobre Efésios 3-4. Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/files/2007/09/ministerio-integral.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2013.

CASTRO, Clóvis Pinto. *Pastoral Urbana: presença pública da igreja em áreas urbanas*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2006.

COMBLIM, José. *Viver na Cidade: pistas para a pastoral urbana*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. *Teologia da Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

COSTAS, Orlando E. Dimensões do Crescimento Integral da Igreja. In: Steuertnagal, Valdir Raul (org.). *A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão Editorial, 1994.

CUNHA, Maurício. Uma Igreja Relevante para a Sociedade. In: Ariovaldo Ramos e Ricardo Bitun (org.). *Lutando pela igreja: reflexões e configurações de uma igreja relevante para o século 21*. São Paulo: Hagnos, 2012.

GILL, D, W. *Secularismo e Humanismo Secular*. In: Walter A. Elwell (org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GONÇALVES, Alonso. A igreja da Esperança: eclesiologia e práxis pastoral em Jurgen Moltmann. *Revista Theos*. v. 5. Campinas, 2009.

_____. *Uma pastoral integral, igreja-cidade: em diálogo a eclesiologia de Jurgen Molmann e a pastoral de José Comblin*. *Protestantismo em Revista*. v. XIX. São Leopoldo, 2009.

HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o Futuro: a doutrina bíblica das últimas coisas*. 2. ed. Tradução de Karl H. Kepler. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

KIVITZ, Ed René. Novo paradigma para uma missão relevante. In: Ariovaldo Ramos e Ricardo Bitun (org.). *Lutando pela igreja: reflexões e configurações de uma igreja relevante para o século 21*. São Paulo: Hagnos, 2012.

LESSA, Hécio da Silva. *Ação Social Cristã*. São Paulo: [s.n.], 1999.

LOPES, César Marques. *Mobilizando a igreja local para a missão integral transformadora*. In: Manfred Waldemar Kohl e Antonio Carlos Barro (org.) *Missão integral transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006.

MATOS, Alderi Souza de. *Estudos sobre a ação social cristã*. São Paulo: [s.n.], 2005.

MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MILLER, L. Ed; GRENZ, Stantey. *Teologias contemporâneas*. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

PADILLA, C. René. *Missão Integral - Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: Temática Publicações, 1992.

PEREIRA, Paulo César. *Pastoral urbana: uma abordagem a partir da obra do teólogo José Comblin*. Dissertação de Mestrado – Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.

SAMYER, M, James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. Tradução de Estevan F. Kirschner. São Paulo: Vida, 2009.

STEUERNAGAL, Valdir Raul (org.). *A missão da igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

STOTT, John. *A missão cristã no mundo cristão*. Viçosa: Ultimato, 2010.

WEBSTER, D.D. *Teologia da Libertação*. In: Walter A. Elwell (org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.